



O primeiro voo solo de Arlete

Aos 88 anos, **Arlete Salles** chega neste fim de semana aos palcos cariocas com o monólogo **‘Manda Notícias do Mundo de Lá’**, seu primeiro solo. **Com texto e direção de Carlos Jardim, a comédia ri da morte** quando sua intérprete se vê sozinha **no velório da melhor amiga**. Página 2



Arlene Salles no monólogo 'Manda Notícias do Mundo de Lá', seu primeiro solo

Pode rir da morte?

Em seu primeiro monólogo numa carreira de sete décadas, Arlete Salles dá vida a uma mulher que descobre que o luto também pode ser hilário

Depois de sete décadas pisando em palcos com companhias inteiras, elencos numerosos e a segurança de quem sabe que, se algo der errado, há sempre alguém ali para cobrir o buraco, Arlete Salles decidiu que era hora de fazer exatamente o oposto. Nesta sexta (7), ela estreia, aos 88 anos, no Teatro dos 4, na Gávea, o primeiro monólogo de sua carreira.

A peça se chama "Mande Notícias do Mundo de Lá", tem texto e direção de Carlos Jardim, e parte de uma cena que poucos associariam à comédia: um cemitério, um caixão, um velório deserto. A personagem Eulália Eugênia — mulher exuberante, cheia de histórias e de pavor absoluto da morte — precisa enfrentar justamente aquilo que mais teme para se despedir de Rosimere, amiga de décadas e de incontáveis peripécias. Como ninguém mais

compareceu, é Eulália quem se aproxima do caixão. E ali, entre lembranças e implicâncias antigas, nascem o humor afiado e a emoção genuína.

"Nunca foi um projeto meu ficar sozinha no palco, falando, falando... Eu achava bonito assistir a outros colegas fazendo isso. Achava muito corajoso", conta Arlete, que nasceu em Paudalho, no interior de Pernambuco, começou no rádio e migrou para o teatro aos 15 anos, num curso no Paraná, antes de desembarcar no Rio de Janeiro aos 18 para investir na carreira. De lá para cá, foram novelas memoráveis — de "Salsa e Merengue" a "Porto dos Milagres" —, dezenas de filmes e peças como "A Partilha" (1990) e "A Vida Passa" (2001), que a consagraram como uma de nossas atrizes mais versáteis. Mas o monólogo, esse ela vinha adiando.

A decisão de aceitar o desafio veio aos poucos, com a leitura repetida do texto de Jardim. "Eu senti mui-

tas qualidades e me identifiquei em vários pontos. Você precisa ler mais de uma vez, mais de duas, mais de três, para descobrir as sutilezas, as voltas, as subidas e descidas de um bom monólogo", explica. A identificação, segundo ela, não é apenas profissional. É pessoal. "Em vários momentos, me identifico com a Eulália, porque é um trabalho sobre etaridade. Ele trata da vida de uma mulher com a minha idade. Então, falo de muitas coisas que estão presentes na minha vida, que eu conheço, que eu sinto, que eu vivencio diariamente", comenta. "Envelhecer é um grande desafio, mas é muito pior partir jovem, sem ter aproveitado essa maravilha que é a vida, que é viver", completa.

Do outro lado da cena, Carlos Jardim construiu o texto como quem conhece bem o material humano com que está trabalhando. Jornalista com 41 anos de experiência — passou pela edição do Jornal Nacional e pela chefia de redação

“*Nunca foi um projeto meu ficar sozinha no palco, falando, falando... Eu achava bonito assistir a outros colegas fazendo isso. Achava muito corajoso***”**

ARLETE SALLES

da GloboNews, cargo que deixou recentemente após 13 anos no comando —, Jardim também é homem de teatro. Tem atualmente em cartaz no Rio "Nelson Rodrigues — O Passado Sempre Tem Razão", no Teatro das Artes, e assina a direção de documentários como "Maria — Ninguém Sabe Quem Sou Eu", sobre Maria Bethânia. Para "Mande Notícias", escreveu pensando na versatilidade de Arlete, na capacidade dela de ir do riso fácil à emoção mais profunda em questão de segundos.

"Arlete tem um tempo de comédia raro, sabe fazer pausas e entonações que valorizam imensamente o texto. E tem uma emoção genuína, que aflora com facilidade e emociona a todos. No texto, abuso das pas-

sagens quase bruscas entre o drama e a comédia. E Arlete pula de uma emoção à outra com uma facilidade que impressiona", revela o diretor.

Jardim enxerga na comédia uma ferramenta para encarar de frente temas que costumam ser tratados com lastro excessivo — a passagem do tempo, as perdas, a constatação de que o fim pode chegar a qualquer momento. "O envelhecimento traz a inevitável constatação de que o fim pode chegar a qualquer momento. Isso pode gerar angústia ou despertar em nós uma urgência de fazer valer o tempo que nos resta. Acredito sinceramente que o humor é a chave para deixar tudo mais leve, inclusive na maneira de encarar essas limitações", diz.

Para Jardim, o fato de uma atriz do calibre de Arlete aceitar o primeiro monólogo aos 88 é um gesto que extrapola o profissional. "Acho fascinante uma atriz gigante como a Arlete, que não precisa provar nada a ninguém, aceitar se desafiar a essa altura da carreira fazendo seu primeiro monólogo. É se jogar no trapezão sem rede de proteção. Como diretor, tento facilitar esse voo. E posso garantir que será um voo lindo e surpreendente", conclui.

SERVIÇO

MANDE NOTÍCIAS DO MUNDO DE LÁ

Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º piso)
De 7/8 a 4/10, sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | Ingressos entre R\$ 73 e R\$ 147

Coletivo teatral comemora seus 25 anos de pesquisas cênicas numa ocupação do Sérgio Porto, com encenação de quatro peças, exposição e oficina

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Encantado pelas progressões aritméticas, geométricas e poéticas da verdade cênica no palco, o Grupo Pedras pavimentou, 25 anos atrás, um caminho para fazer da pesquisa de gesto, verbo, luz e dramaturgia um veio de transcendência. Juntou uma patota pelo caminho: Adriana Schneider, Anna Secco, Helena Stewart, Georgiana Góes, Camila de Aquino, Diogo Magalhães, Luiz André Alvim e Marina Bezze.

Agora, ao completar um quarto de século de parceria e de invenção, essa companhia carioca organizou uma ocupação artística no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, no Humaitá, de 7 a 31 de agosto. Na programação, estão espetáculos, roda de conversa, oficina e apresentação musical, que revisitam diferentes momentos da história do coletivo e mostram uma trajetória marcada pela criação colaborativa, pesquisa cênica e maneiras inovadoras de interação com o público.

As atrizes e os dois atores se desdobram em várias funções além da atuação. O grupo apresentará quatro espetáculos: os adultos “Céu de Agora” e “Restin” e os infantis “Rosa e a Floresta” e “Rosa e a Semente”. Haverá também as exposições “Pedras 25 anos”, com objetos que recontam a história do grupo, e “Esplêndidas”, de Luciana Grether, e o show Bailecito pelo grupo Gesta.

“O grupo foi construindo uma identidade estética que se desenvolve na maneira em como a gente se relaciona com o público. A companhia se propõe a fazer um espetáculo ‘com’ e não ‘para’ o público”, explica Georgiana Góes. “No primeiro espetáculo, que foi o ‘Restin’, a gente se relacionava de uma forma muito próxima porque foi feito num casarão em que o público ficava espalhado por nichos, muito próximos à cena. Na segunda peça, ‘O Muro’, a plateia era dividida por um muro que era construído no reino do mar sem fim. A gente brincava com a ilusão do público, usando teatro de

Pedras que rolam e se eternizam

Divulgação



O Grupo Pedras pavimentou seu caminho artístico pesquisando gesto, verbo, luz e dramaturgia sob o veio da transcendência

Pedro Martins/Divulgação



Georgiana Góes em ‘Céu de Agora’

bonecos, então, já era uma forma em que a plateia continuava a criar as imagens para contar essa história.”

A atriz lembra que, em “Mangiare”, três grandes mesas eram pos-

tas no palco e as cenas se desenrolavam em volta. Já “Incomum” tinha uma cena de um esquadra-pés, por exemplo, em que o público também dava o seu depoimento.

“Os nossos infantis foram feitos para a rua, também com uma relação do ator muito próxima ao público. O teatro acontece ali à distância de um braço. ‘Céu de Agora’ foi criado, inicialmente, como um espetáculo itinerante, em que o público também é convidado a se deslocar no espaço. Então, temos uma marca dessa relação do ator-espectador. A gente tem essa marca de que o ator é a pedra fundamental do jogo teatral, né? Então, atores, em algumas das peças, também têm essa função de contadores de história. A gente pactua com a plateia: ‘agora eu vou contar uma história. Vem comigo!’. Então, tem essa relação de dar o braço para o público se relacionar.

O Pedras é fruto do primeiro governo Lula, em que houve uma mudança na política cultural. “Começamos a ter muitos editais, e nós ganhamos. Os nossos espetáculos todos foram frutos de editais. E isso diminuiu muito de lá para cá, né?”, lembra Georgiana. “A gente chegou a ter momentos de muita escassez de edital. Não à toa, a gente também fez dois espetáculos de rua nesse momento. Essa mudança foi, principalmente, no governo Bolsonaro, quando a cultura foi realmente colocada de lado, em que a gente perdeu o Ministério da Cultura e a classe foi muito rechaçada por fake news, por desinformação. Foi muito

difícil reverter esse quadro só nesses últimos quatro anos.”

O ethos do Pedras na ocupação é a percepção de que o teatro tem poder de transformar pelo encantamento, pela poesia.

“Ele consegue limpar o nosso olhar, sensibilizar o olhar ao redor do mundo. Então, o eixo estético dessas nossas peças tem a ver com essa relação do ator com o espectador”, diz Georgiana. “Tudo se conversa entre esses espetáculos”.

SERVIÇO

GRUPO PEDRAS: 25 ANOS DE TEATRO

De 7 a 31/8

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Visconde de Silva s/nº, ao lado do nº 292 – Humaitá)

CÉU DE AGORA

De 7 a 24/8, sextas e sábados (20h) e domingos (19h). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

RESTIN

De 28 a 30/8, sextas e sábados (20h) e domingos (19h). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

ROSA E A SEMENTE

De 8 a 16/8, sábados e domingos (16h30). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ROSA E A FLORESTA

De 22 a 30/8 de agosto, sábados e domingos (16h30). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

CRÍTICA TEATRO | A PEQUENA PRISÃO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O escritor e professor de geografia Igor Mendes, finalista do prêmio Jabuti em 2021, preso arbitrariamente em dezembro de 2014, permaneceu no Complexo de Gericinó, em Bangu, por quase sete meses. Foi acusado de descumprir medidas cautelares que o proibiram de manifestar-se em protestos públicos, remetendo-nos à ditadura militar em pleno século 21, cuja polícia, imprensa e governantes tornam-se parceiros na perseguição aos que lutam por injustiças sociais.

Em 2024 o Tribunal de Justiça, absolveu os acusados, reconhecendo ilicitude de provas obtidas. O ativista político transformou dor em literatura e escreveu “A Pequena Prisão”, desvelando relações construídas a partir de encontros com seres humanos que compartilham aflições na realidade cruel do sistema prisional brasileiro. Conflitos, memórias, violência, solidariedade são situações pungentes ecoando no relato de Mendes, que depararam-se com o talento de Daniela Pereira de Carvalho na composição de uma carpintaria exemplar, valorizando a contundência da obra. A adaptação teatral organiza o gênero, concebendo uma dramaturgia fluida.

A direção de Fernando Ceylão é funcional, na medida que estabelece uma dinâmica para que todas as personagens possam coabitar, conduzindo seu intérprete apropriadamente. Fundamenta um



Claudia Ribeiro/Divulgação

Vito Fragoso em ‘A Pequena Prisão’, solo sobre o caso do estudante Igor Mendes preso em função da onda de protestos de 2013

Clausura humana

compasso teatral valorizando a expertise do texto dramático que lhe foi atribuído, além de criar imagens tocantes, instituindo velocidade.

Há uma corporalidade susten-

tando e ampliando a corporeidade de Vito Fragoso, que percorre toda a encenação repleto de força dramática, vigor e precisão, amparado pela harmoniosa direção de movi-

mento de Fernanda Dias. Transfigura-se em mais de 30 personagens entre narrador, agentes penitenciários e detentos embrutecidos até o afeminado, com extrema seguran-

ça. Vale ressaltar que o monólogo é ousado, por onde o ator trafega sem vacilar, desenhando meandros psicológicos em papéis dificultosos. Objetiva o conteúdo, além de humanizá-lo. Fragoso abarca características do que chamamos artista de teatro, através do qual idealiza o projeto, produz e concebe visualmente.

Portas-grade deslizam pelo palco como extensão da escritura dramaturgica, favorecendo à toda estrutura cênica. Vito Fragoso instaura uma cenografia, que para além da plasticidade, determina espaços distintos. E em parceria com Felício Mafra, ilumina o espetáculo com luz branca, seca, numa sintonia com aquele universo hostil, abrindo exceção para o vermelho aguerrido e ao mesmo tempo sanguinolento na cena da morte de Alessandro, prisioneiro deprimido, que tira a própria vida ao saber que ganhará a liberdade, configurando um dos grandes momentos. João Pimenta veste o ator num uniforme de recluso, adequadamente. Federico Puppi pontua com sagacidade a atmosfera aterradora na sua direção musical.

“A Pequena Prisão” vai além e revela-nos o quanto estamos e somos encarcerados.

SERVIÇO

A PEQUENA PRISÃO

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 — Botafogo) Até 30/8, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h) Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Rodrigo Menezes/Divulgação

Festival no Riachuelo

A segunda edição do Festival de Teatro do Rio chega a seu segundo fim de semana com a encenação de três espetáculos no Teatro Riachuelo Rio, no Passeio. Nesta sexta (7), às 20h, tem “Mulher em Fuga”, com Malu Galli, com texto do romancista francês Edouard Louis; no sábado (8), com sessões às 18h30 e 20h, é a vez do comediante Fábio Porchat com seu hilariante “Histórias do Porchat”; e no domingo (9), às 19h, Débora Lamm (foto) dá vida a uma médica que odeia crianças e suas mães em “A Pediatra”.



Divulgação

Eu já escuto teus sinais

A obra do cantor e compositor Alceu Valença chega ao teatro, como a bruma leve das paixões que vêm de dentro. Em “Anunciação – o musical de Alceu Valença”, imagens, música, festa e invenção se unem num espetáculo que foge do realismo e aposta na magia, dialogando com a maneira peculiar do artista de ver o mundo. A montagem, com direção de Duda Maia, mergulha no imaginário criado pelo artista ao longo de décadas e constrói uma experiência cênica livre, irreverente e profundamente brasileira. Até 16/8 no Teatro Carlos Gomes.



Divulgação

Viver vale a pena

Na roça, onde o tempo parece ter outra cadência, uma mãe carrega consigo histórias que só o coração conhece. Seu olhar, marcado pelo sol e pelas tempestades da vida, encontra refúgio em sua filha, Lia, que nasceu com paralisia cerebral. Entre o trabalho, o café quente e o ranger da madeira, ela nos convida a percorrer sua trajetória de medos, despedidas, pequenas vitórias e a certeza inabalável de que viver vale a pena. “Lia” tem texto, atuação e idealização de Hugo Andrade, e direção de Tárli Laranjeiras. Em cartaz até 16/8 no Teatro Dulcina.

Relatos de um coração selvagem

Filme em episódios extraídos de contos da autora de 'A Paixão Segundo GH', 'Rio de Clarice', idealizado pela sobrinha-neta da escritora inspira debate na Rio Innovation e estreia dia 13

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Dá match perfeito a junção de um evento como a Rio Innovation Week (conferência global de criações inovadoras, realizada no Pier Mauá) com a prosa da maior inventariante da alma feminina de nossa literatura, Clarice Lispector (1920-1977), sobretudo quando a aproximação se dá pelo cinema. Às 15h30 desta sexta-feira, multiartistas integrantes do ainda inédito “Rio de Clarice” - Viviane Rangel, Maria Clara Guim, Taciana Oliveira e Barbara Kahane - participam do evento para falar como o protagonismo de mulheres no bastidor do ofício cinematográfico consegue transformar não apenas filmes, mas toda uma indústria.

O longa-metragem, em cinco segmentos autônomos, que mobiliza essas quatro expressões de talento estético vai estreiar no próximo dia 13, reunindo contos da aclamada escritora. A idealização do projeto partiu da realizadora Nicole Allgranti, que assina a direção-geral, fez produção e captação, e rodou um dos hemisférios, inspirado em “A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais”. Allgranti é sobrinha-neta da autora.

“Durante toda a minha infância, muitas histórias foram trocadas ao telefone de minha mãe com tia Clarice e tivemos alguns encontros em nossa casa e no apartamento que ela vivia, no Leme. Clarice era misteriosa e mágica para mim”, explica



Gabrielle Farias e Letícia Spiller em 'Mal-estar de um Anjo'



Guida Vianna estrela 'A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais'



Com Karolyna Mendes e Duaia Assumpção, 'Preciosidade' traz a marca de Barbara Kahane

Nicole, lembrando que os contos adaptados em “Rio de Clarice” são um exemplo de perfis de mulheres em três fases da vida - adolescência, maturidade e velhice - e mostram que, em todas essas estações, elas se deparam com o conflito de existir. “Clarice abre uma lente para mostrar o que se passa no íntimo da mulher, suas particularidades, sua essência. Seu legado é eterno”, pontua a realizadora.

Sob a direção de Nicole, o segmento “A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais”, com Guida Vianna e Letícia Isnard, segue uma mulher rica que, afastada do conforto da sua rotina, acaba numa rodoviária e é acolhida por uma sem-abrigo. O episódio promove um choque entre universos sociais opostos.

Já “Feliz Aniversário”, dirigido por Maria Luiza Aboim, retrata a celebração dos 89 anos de Dona

Anita, marcada por tensões familiares, ressentimentos e hipocrisias. A festa transforma-se num retrato da solidão na velhice e da fragilidade dos laços entre pais, filhos e netos.

Em “Mal-estar de um Anjo”, a veterana documentarista Eunice Gutman aposta na ficção e acompanha uma mulher que, após sair de uma sessão de psicanálise, oferece boleia a uma desconhecida. O encontro transforma um simples percurso de táxi num intenso confronto psicológico.

“Amor”, segmento realizado por Taciana Oliveira, acompanha Hanna, uma dona de casa que, ao perder o ponto do bonde, vive uma inesperada experiência de autodescoberta num parque. E em “Preciosidade”, Barbara Kahane narra a história de uma adolescente que sofre assédio durante o caminho para a escola. O episódio aborda o trauma provocado pela violência e o doloroso processo de amadurecimento da protagonista.

“Clarice é uma escritora que começou a publicar em 1943, quando se contava nos dedos o número de mulheres que publicavam”, diz Nicole. “Ela abriu caminhos no mercado editorial. Idem, no jornalismo. Eram raras as mulheres nas redações, e lá estava a jovem Clarice, com 20 anos, na Agência Nacional, e depois no jornal ‘A Noite’. Seu universo ficcional é moldado sob o ponto de vista da mulher. É a mulher em diferentes papéis na sociedade: porém ela mostra com profundidade aquela ‘dona de casa’ tendo que lidar com a presença masculina, tolhendo seus sentimentos, seus desejos. Tendo que

dar conta das solicitações dos filhos. Clarice é uma mulher nascida nos anos 1920, mas com a cabeça dos anos 1960”.

Desde a pandemia, a presença da autora de “Perto do Coração Selvagem” (1943) nas telonas vem sendo forte, sobretudo com a consagração “A Paixão Segundo GH”, de Luiz Fernando Carvalho, no festival Bafici, em Buenos Aires, em 2024. No mesmo ano, no Festival de San Sebastián, ela foi citada - e elogiada - pela atriz australiana Cate Blanchett.

Muito antes dessa euforia, no Festival de Brasília de 2003, Nicole exibiu um curta chamado “O Ovo”, cujo roteiro era de Clarice com Luiz Carlos Lacerda.

“Foi meu filme mais antológico, filmado através de prêmio da Rio Filme. Em 2003, fiz um curta chamado ‘Aeroporto Em O Embarque’, com Marcélia Cartaxo e Milton Gonçalves, Rodrigo Penna e outros, a qual a personagem de Marcélia era muito o que eu tinha aprendido das personagens de Clarice”, diz a cineasta, lembrando da gênese de sua relação de leitora com os escritos de sua tia-avó. “Comecei com ‘A Mulher que Matou os Peixes’, infantil, que Clarice em 1968 dedicou a mim e fez a dedicatória ‘Para Ler Mais Tarde’. Minha avó me falou que tia Clarice tinha contado umas histórias minhas no livro ‘A Via Crúcis do Corpo’, de onde resultou a obra adaptada de José Antônio Garcia para o filme ‘O Corpo’, de 1991”.

Haverá uma pré-estreia de “Rio de Clarice” no Estação Claro Rio, no dia 12 de agosto.



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Com seu broche prateado em formato de lagarto, de considerável extensão sob seus ternos estilizados,

Bertrand Mandico causou no tapete vermelho de Cannes com “Roma Elástica”, thriller que o leva a novos patamares profissionais graças à parceria com a oscarizada Marion Cotillard (de “Piaf – Um Hino ao Amor”).

A produção fará sua estreia comercial em dezembro, de olho no público das temporadas de férias de fim de ano, calcado num clima de suspense dos mais exasperantes. Seu potencial sucesso, despertado pelas críticas positivas na Croisette, pode trazer mais acolhimento para essa grife da direção aos olhos do mercado exibidor da França, sua pátria natal, mas não há de diluir sua aura de maldito.

Mandico faz misturas de gêneros (tipo western com fantasia) como “After Blue (Paraíso Imundo)”, que lhe deu o Prêmio da Crítica no Festival de Locarno (na Suíça) e o Prêmio Especial do Júri em Sitges (na Espanha). Essas mesclas muito locais asseguram prestígio a essa “entidade” da cultura audiovisual.

Esperado uma vez mais por Locarno, neste domingo, com “Roma Elástica”, para uma sessão fora de concurso, Mandico se define como não binário, mas é indiferente quando chamado por vocábulos masculinos, ou por expressões como “senhor”, sem cobrar o uso da linguagem neutra. Brinca que se vê como “atriz”, uma vez que a performance é a sua prática de criação, condensada experimentos de artes visuais. Ele virou uma das vozes autorais de maior eco na cena audiovisual europeia depois que um de seus longas, “Os Garotos Selvagens” (“Les Garçons Sauvages”), encabeçou a lista dos melhores filmes de 2017 da “Cahiers du Cinéma”. Nunca lançada comercialmente em circuito brasileiro, essa iguaria só passou pelo Rio de Janeiro na Cinemateca do Museu de Arte Moderna, depois de mostras em Bruxelas, em Vilnius e na Sicília a cobriram de prêmios.

Xodó da “Cahiers” (uma bíblia para a cultura fílmica), a obra explicitamente queer de Mandico, carregada de erotismo em seu debate sobre o desejo, virou cult. Galgou o reconhecimento de que precisava há dois anos, quando seu longa mais recente, “Conann” (2023), foi convocado para a Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes. Nele, muda o sexo do bárbaro celebrado por Arnold Schwarzenegger. Em



‘Roma Elástica’ traz Marion Cotillard (ao centro) como diva em perigo

Bertrand Mandico, transgressão não binária... com charme

Ícone da desconstrução das sexualidades, cineasta francês que se define como ‘atriz’ em sua identidade performática leva às telas de Locarno ‘Roma Elástica’, com Marion Cotillard



Bertrand Mandico, não binário, define-se como atriz, mas é conhecido por seu trabalho como cineasta

“Roma Elástica”, ele dialoga com a tradição do giallo (filmes italianos de psicopata) e do polar (o policial

francês) num enredo ambientado em 1982. Nessa data, Eddie (papel de Marion) é uma celebridade em

decadência que viveu uma era de sucesso nos EUA e, agora, em sua debacle, vai para região da Itália

para rodar um filme que pode ser seu canto de cisne... e um convite à morte.

“É da força das mulheres que a gente precisa para mudar uma realidade autoritária que tentou cassar o acesso à liberdade que todo ser vivente tem. Regras morais não podem limitar um processo criativo, tampouco imposições biológicas ou sociais”, disse Mandico ao Correio da Manhã, quando brilhou com “After Blue (Paraíso Imundo)”. “Qualquer padrão imposto pode ser quebrado em prol da livre expressão”.

Revelado como cineasta em 1998, ao lançar o curta “Le Cavalier Bleu”, Mandico dialoga com as cartilhas das narrativas fantásticas a partir da influência que carrega dos quadrinhos europeus dos anos 1960 e 70. Nascido em março de 1977, em Toulouse, ele cresceu lendo a HQ “Métal Hurlant” (“Heavy Metal” no Brasil), gibi que nos revelou Moebius, Richard Corben e muitos outros talentos do desenho, pautados pela lisergia.

“Em tempos de cultura do ódio, a fantasia é um caminho alternativo, que nos permite respirar pelos pulmões da estranheza, e perceber a intolerância que nos venda”, disse Mandico.

Outra personalidade cinéfila queridinha da imprensa no Velho Mundo a bater ponto em Locarno este ano é a atriz belga Virginie Efira. Ela foi premiada em Cannes por seu desempenho em “Soudain”, do artesão japonês Ryūsuke Hama-guchi, num empate com a colega de cena Tao Okamoto. Virginie pôs a Croisette no bolso com sua atuação. Ela vive a diretora de uma instituição de acolhimento para idosos, Marie-Lou. Em sua rotina, ela procura implementar uma filosofia de cuidados baseada na escuta dos residentes e no respeito à sua dignidade, apesar da resistência de parte da equipa. O encontro com Mari (Okamoto), uma encenadora japonesa que enfrenta um câncer, muda o rumo de sua vida. À medida que uma amizade se fortalece, elas embarcam numa luta para tornar o impossível possível. O festival suíço verá esse empenho delas no domingo, logo que a Virginie receber o Leopard Club Award.

Locarno termina no dia 15, com a sessão da comédia “Ni Vue, Ni Connue”, de Marc Fitoussi, com Isabelle Huppert e Sandrine Kiberlain. A diva vive uma aspirante a atriz que sonha contar com as dicas de Sandrine – uma coqueluche em Paris – para explodir em seu ofício. Na mesma data rola a premiação oficial, com a presença do Brasil na caça ao Leopardo dourado com “A Margem do Rio”, de de Matheus Farias e Enock Carvalho. Na mostra competitiva Cineasti del Presente, voltada para primeiros e segundos longas, Ana Vaz bate ponto com “Hanabi” (“Fire Flower”), reafirmando sua posição entre as vozes mais experimentais da contemporaneidade.



Festival recebe versão restaurada - e ampliada para quatro horas de duração - de 'Dança Com Lobos', o faroeste indigenista que deu o Oscar a Kevin Costner no início dos anos 1990



O tenente Dunbar (Kevin Costner) e o guerreiro Kicking Bird (Graham Greene) no western que desafiou intolerâncias

Oeste outra vez

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Livre de seus compromissos com a série "Yellowstone", que expandiu sua fama até os domínios do streaming e da TV, Kevin Costner tem uma comédia muito loca para estreiar, dividindo tela com Jake Gyllenhaal sob a direção de Glenn Ficarra John Requa: "Honeymoon with Harry". Sua trama nada tem a ver com os caubóis de que o astro tanto gosta. No enredo, quando a noiva de um homem morre dois dias antes

do casamento, ele decide passar a lua de mel com seu futuro sogro.

Apesar desse investimento na excentricidade cômica, o ator e diretor de 71 anos se empenha para tirar do papel a terceira parte de sua saga à moda western "Horizonte", que ele inaugurou em 2024, numa projeção no Festival de Cannes. Antes de terminar esse projeto pessoal, Costner verá um de seus maiores sucessos renascer esta noite, via Suíça, na Piazza Grande do Festival de Locarno: "Dança com Lobos" (1990) será exibido lá, mas numa versão bem diferente da que conhecemos.

Vencedora de sete Oscars, incluindo Melhor Filme e Melhor Direção, a superprodução originalmente orçada em US\$ 22 milhões será apresentada numa reedição restaurada em 4K, com quase quatro horas de duração, das quais fazem parte cerca de 30 minutos de cenas inéditas reintegradas.

O corte que Locarno receberá em primeira mão passou por um árduo trabalho de restauração no laboratório suíço Cinegrell, em parceria com o projeto Locarno Heritage e a distribuidora internacional K5 International. A iniciativa integra a mostra paralela à

disputa pelo Leopardo de Ouro chamada Histoire(s) du Cinéma, dedicada a clássicos e cults recauchutados. Essa seção é um compromisso do festival com a preservação do patrimônio cinematográfico e por ela já passaram produções do catarinense Rogério Sganzerla (1946-2004).

Encarado como um trabalho de maturidade de Costner no apogeu de sua fama, "Dança com Lobos" ("Dance With Wolves") redefiniu o faroeste no início dos anos 1990 ao propor uma abordagem mais humanista sobre a expansão dos Estados Unidos para o Oeste, chamando a atenção para a violência sofrida pelos povos indígenas norte-americanos.

Sua trama se passa em 1863, quando o 1º Tenente John J. Dunbar (Costner), a serviço do exército da União, é ferido numa batalha que se encontrava num impasse em St. David's Field, no Tennessee. O cirurgião tenciona amputar sua perna. Preferindo morrer em combate, Dunbar rouba um cavalo e cavalga desarmado até à frente das linhas

confederadas, mas sobrevive milagrosamente à sua tentativa de suicídio. As tropas da União aproveitam a distração para lançar um ataque bem-sucedido. Dunbar recebe cuidados médicos que salvam a sua perna e é presenteado com Cisco, o cavalo que montou durante a sua tentativa de suicídio, juntamente com a possibilidade de escolher o seu destino. Ele solicita uma transferência para a fronteira americana para a ver antes que desapareça.

Dunbar chega ao Forte Hays, onde o seu comandante, o Major Fambrough, designa-o para o posto avançado mais distante sob a sua jurisdição, o Forte Sedgwick. Ali ele passa a se conectar com uma civilização distinta da sua... ou quase.

Diretor artístico de Locarno, o crítico Giona A. Nazzaro, destacou que preservar títulos pop como "Dança com Lobos" é uma forma de apresentá-los às novas gerações e de refletir sobre os desafios das tecnologias contemporâneas. A bilheteria do longa chegou a US\$ 424 milhões.

Uma aposta indiana

Famoso por investir em veios autorais que aliam radicalismo e elegância, nas mais paradoxais combinações, o Festival de Locarno emplacou já um primeiro achado em sua seleção principal, a disputa pelo Leopardo de Ouro, ao apostar no cineasta indiano Gurvinder Singh.

Consagrado em Cannes, há onze anos, com "O Quarto Código", ele retorna à ribalta europeia, via Suíça, com "Rehmat", que teve uma acolhida calorosa da imprensa em sua exibição nesta quinta-feira (6).

Seu roteiro se constrói a partir de três histórias interligadas no ter-



'Rehmat' mistura diferentes histórias, atento ao crepúsculo da vida

ritório de Punjab dos dias de hoje. Numa delas, uma mulher acolhe secretamente um estranho ferido na sua casa, enquanto a família dele suporta o peso do luto e de escolhas impossíveis. Entretanto, um idoso misterioso chega a uma aldeia, auto-denominando-se Deus.

"Numa região marcada por conflitos políticos e religiosos, 'Rehmat' retrata a vida de um povo que se vê apanhado por forças que procuram dividi-lo", explica Singh no site oficial de Locarno. "Contra todas as adversidades, eles levam as suas vidas com esperança e compaixão". (R.F.)

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

PEDRO MIRANDA E FORRÓ DA GÁVEA

✳️Show com repertório do primeiro álbum do coletivo, “Amor Verdadeiro”, uma declaração de amor a Gonzagão, Dominginhos e todos os mestres do gênero. Sáb (8), às 21h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 120 e R\$ 60 (meia e ingresso solidário, com doação de 1kg de alimento não-perecível para doação)

SÓ CAETANO

✳️Paula Morelenbaum, Jaques Morelenbaum e Moreno Veloso apresentam uma seleção de canções que abrange várias fases da carreira do compositor baiano. Sex (7), às 20h e 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 80

PLINIO OLIVEIRA

✳️O pianista, cantor e compositor gaúcho, com 78 álbuns independentes lançados, comemora 30 anos do lançamento de seu primeiro álbum, “Voos da Alma”. Sáb (8), às 17h. Centro da Música Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). Gratis

QUATRO CANTOS DA BOSSA

✳️O contrabaixista Jimmy Santa Cruz e a cantora Valéria Mariano passeia pela obra de Tom Jobim, Vinícius e João Gilberto com toda a poesia da Bossa Nova. Sáb (8), às 20h. Beco das Garrafas (Rua Duvi-vier, 37 - Copacabana). R\$ 70

CHELPA FERRO E FAUSTO FAWCETT

✳️As trajetórias dos dois artistas se cruzam em “Pesadelo Ambicios”, show em que poesia falada, guitarras, sintetizadores, samplers, gravações de campo e ruídos constroem uma arquitetura sonora intensa, sustentando textos frenéticos, urbanos, apocalípticos e provocativos. Dom (8), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 – Botafogo). R\$ 50 e R\$ 40 (antecipado)

TEATRO

ÓPERA DO MALANDRO

✳️O consagrado musical de Chico Buarque em nova montagem na concepção do encenador Jorge Farjalla que incorpora elementos da religiosidade popular ao universo da malandragem. Até 23/8, qui e sex (20h) sáb (16h e 20h) e dom (15h30 e 19h30). Teatro Multiplan - VillageMall (Av. das Américas, 3900 - Piso S1, Barra da Tijuca). Entre R\$ 25 e R\$ 350



Moreno Veloso, Jaques e Paula Morelenbaum



Alta Sociedade

WICKED, A HISTÓRIA NÃO CONTADA DAS BRUXAS DE OZ

✳️A vida das bruxas de Oz, muito antes de Dorothy lá chegar. Até 6/9, qua a sex (20h), sáb (15h e 19h30) e dom (14h e 18h30). Cidade das Artes Bibi Ferreira (Av. das Américas, 5300). A partir de R\$ 25

DOCE ÁRIDO

✳️O espetáculo leva ao palco a fragilidade das relações familiares no interior de Minas Gerais em uma comunidade de doceiras. Até 9/8, qui a sáb (20h). Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



Plinio Oliveira

GAIVOTA

✳️A Armazém Companhia de Teatro apresenta sua leitura para a dramaturgia do russo Anton Tchekhov (1860-1904) sem o menor desejo de trazer uma montagem engessada pelo original. Até 13/9, qua a sex (19h), sáb e dom (18h). Teatro II do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

LUIZA MAHIN: EU AINDA CONTINUO AQUI

✳️Após cinco anos em circulação pelo país, espetáculo retorna aos palcos cariocas para denunciar o extermínio da juventude negra. Até 29/8, qui a sáb (19h). Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, nº 20, Centro). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

ELES NÃO USAM BLACK-TIE

✳️Obra de Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006) mostra a força atual de sua dramaturgia em montagem com direção de João Velho. Até 30/8, sex a dom (19h). CCJF — Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241, Centro). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

ALTA SOCIEDADE

✳️Nova montagem de texto de Mauro Rasi (1949-2003) reforça a pertinência do saudoso dramaturgo paulista como um cronista de afetos (e seus enguiços) nos palcos. Com atuações de Júlia Lemmert e Orã Figueiredo. Até 27/9, às sex e sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). Entre R\$ 60 e R\$ 150

Divulgação

Divulgação

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Pedro Miranda e Forró da Gávea

ABSOLVIÇÃO

✱ Monólogo com Andriu Freitas apresenta os dilemas de homem que decide fazer suas próprias leis ao executar abusadores. Até 26/8, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

APOCALIP-SE

✱ Espetáculo investiga o isolamento pós-pandemia. Até 30/8, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 98). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

PRA TE VER FELIZ

✱ Com texto e direção de João Batista, a peça é o segundo trabalho da trilogia "Dá Samba". Até 9/8, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187). R\$ 60, R\$ 30 (meia); R\$ 15 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

A VIDA PASSOU POR AQUI

✱ Professora aposentada com Alzheimer recebe visita de um velho amigo que reaviva suas memórias. Até 30/8, sex (20h), sáb (18h) e dom (19h). Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - loja 213). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

COMUNICADO A UMA ACADÊMIA

✱ Livre adaptação do conto homônimo de Franz Kafka reúne teatro, cinema e circo em performance solo arrebatadora de Patricia Niedermeier. Até 29/8, sáb (19h). Sede da Intrépida Trupe (Rua dos Arcos, 24, Centro - Fundação Progresso). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



Ópera do Malandro

É O FIM LTDA.

✱ Uma reflexão bem humorada sobre a finitude ao apresentar uma empresa de funerais. Até 16/8, qui a sáb (19h) e dom (18h). Teatro II do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 21 (sócio Sesc), R\$ 27 (convênios) e grátis (PCG)

O PASSADO TEM SEMPRE RAZÃO

✱ Bruce Gomlevsky é Nelson Rodrigues neste solo escrito a partir de falas do jornalista e dramaturgo. Até 30/8, sáb e dom (20h). Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - 2º piso). R\$ 120 (inteira) e R\$ 60 (meia)



Divulgação

Luiza Mahin: Eu Ainda Continuo Aqui

EXPOSIÇÃO

OCUPAÇÃO GRANDE OTHELO

✱ Mostra reúne acervo relacionado ao ator que abriu caminhos para gerações de artistas negros no cinema, teatro e televisão. Até 30/9, seg a sex (10h às 16h). CE-DOC Funarte (Praça da República, 26 - Centro). Grátis

SALVÍFICOS MOVIMENTOS

✱ Instalação interativa do artista visual Eduardo Salvino que combina arte, tecnologia e memória afrodiaspórica. Até 23/8, ter a sáb (9h às 16h). Sesc Duque de Caxias (Rua General Argolo, nº 47 - Jardim 25 de Agosto). Grátis

HISTÓRIAS QUE A ARTE CONTA

✱ Exposição de obras do acervo do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), inspiradas no podcast homônimo mantido pela instituição. Até 7/8, seg a sex (13h às 17h). Museu Nacional de Belas Artes (Av. Rio Branco, 199). Grátis

OS DOIS LADOS DA JANELA

✱ Expoente da Geração 80, o artista plástico Daniel Senise abre os segredos de seu ateliê e revela nesta exposição trabalhos com os quais experimenta suas técnicas. Até 6/9, ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça Quinze, 48). Grátis

ZONA DE SACRIFÍCIO

✱ Fotografia de Isis Medeiros expõe os rastros da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha (MG) e suas consequências para a população local. Até 1/11, de ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer (11h às 17h). Galeria Mestre Vitalino (Rua do Catete, 179). Grátis

VIK MUNIZ - A OLHO NU

✱ Conhecido mundialmente por criar imagens impressionantes usando toda sorte de materiais inusitados, tais como açúcar, lixo, chocolate e confetes, o artista

paulistano radicado nos EUA recebe a maior retrospectiva de sua carreira marcada por conceitos de sustentabilidade. Até 7/9, qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

INFANTIL

O QUE A LUZ MOSTRA

✱ Laboratório oferece experiência com a cianotipia, técnica fotográfica que utiliza a luz para imprimir imagens. Sáb, dom e fer (às 14h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

A LENDA DA NOITE

✱ Nesta narrativa oriunda da tradição indígena amazônica: jovens guerreiros partem em busca da noite guardada no fundo do rio por um ser encantado. Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

HISTÓRIAS DA MINHA TERRA

✱ Contação de histórias sobre a chegada das primeiras famílias migrantes à região de Canaã dos Carajás (PA). Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

PEQUENÍSSIMAS MÃOS

✱ Projeção de imagens, música, contação de histórias e máscaras nesta atividade que apresenta os animais da fauna brasileira desenhados nas nossas notas de dinheiro. Dom (13h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

LIVRO VIVO

✱ Atividade de mediação de leitura que compartilha a experiência de ler um livro inspirada nas exposições em cartaz e ações de patrimônio do CCBB RJ. Dom (16h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis



Natália Guimarães

Luedji Luna



Divulgação

Paralamas



Leo Aversa/Divulgação

Paulinho da Viola



Divulgação

Emicida

AFFONSO NUNES

O show que Caetano Veloso e Emicida farão juntos no domingo, às 20h50, no Doce Maravilha 2026, não existe ainda no repertório de nenhum dos dois. Foi encomendado para esta noite, pensado como peça única. Esse tipo de aposta é a marca da quarta edição do festival que ocupa o Jockey Club Brasileiro, se sexta a domingo (7 a 9) com mais de 40 atrações em três palcos e capacidade para até 15 mil pessoas por dia.

Haverá ainda no sábado outro



Diego Padilha/Divulgação

Com curadoria de Nelson Motta, o Doce Maravilha chega mais encorpado



Jorge Bispo/Divulgação

Maria Bethânia



Elisa Mendes/Divulgação

Juliana Linhares



Fernando Young/Divulgação

Caetano Veloso

Encontros inéditos da MPB

Quarta edição do Doce Maravilha traz Caetano com Emicida, Paulinho da Viola com Bethânia e celebra discos históricos em três dias no Jockey Club

encontro memorável. Paulinho da Viola recebe Maria Bethânia. Os dois dividiram palco apenas uma vez, em 1972. Bethânia gravou composições de Paulinho ao longo das décadas — de “Sinal fechado” a “Foi um Rio que Passou em Minha Vida” —, mas apresentações conjuntas seguem raras. Somente com a curadoria de Nelson Motta, o festi-

val conseguiria promover encontros desse peso.

A sexta-feira abre com a Noite Doce, dedicada ao rock e ao emo dos anos 1990 e 2000 — única jornada com programação concentrada em um único palco, o Bradesco. Dibob celebra 25 anos de carreira com Danilo Cutrim, Vitor Isensee, Diego Miranda e Dedé Teicher. Raimundos convida Thiago Castanho e Marcão Britto, de Charlie Brown Jr., para uma performance conjunta. E Fresno encerra a noite às 21h comemorando dez anos de “A Sinfonia de Tudo que Há”, álbum de 2016, acompanhado pela Nova Orquestra — grupo que, no domingo, abre o Palco Bradesco interpretando “Bloco do Eu Sozinho”, de Leo Jaime, e já se tornou atração por direito próprio.

No sábado, os encontros se multiplicam. O Cortejo Afro traz da Bahia Luedji Luna e Margareth Menezes como convidadas. No Palco Bradesco, Amanda Magalhães apresenta o novo show “Vida de Rei, Vida de Cão”; Chico Chico celebra Belchior com Juliana Linhares; e Leci Brandão divide o microfone com Rappin’ Hood — combinação que põe samba e rap na mesma



Zabenzi/Divulgação

Chico Chico

declaração de princípios. O Bloco do Silva encerra com clássicos da música brasileira de verão. O Palco Deezer completa o dia com Yasmin Lisboa, Sô Lima e Larinhx.

O domingo reserva mais celebrações de discos. Os Paralamas do Sucesso apresentam “Selvagem?”, na íntegra, às 19h. Lançado em 1986, o álbum completa quarenta anos e segue como marco da fase em que Herbert Vianna e a banda diluíram fronteiras entre rock, reggae e ritmos brasileiros — com “Almirante Cinzeiro” e “Melô do Marinheiro” entrando no cancionário popular quase como folclore contemporâneo. Sandra Sá, voz que atravessou

o samba-soul dos anos 1980, comemora no mesmo dia, às 17h55, quatro décadas de seu disco de estreia. Academia da Berlinda, pouco antes, celebra os dez anos de “Nada Sem Ela” com participação de Louise.

Nelson Motta, que além de curador sobe ao palco com Lou Cascudo no DJ Set Noites Tropicais — nome emprestado do livro em que narrou os anos mais luminosos da música brasileira —, descreve a edição como “um grande encontro de gerações e estilos”. E avisa: “também vou brincar de DJ em um set ultra dançante de música brasileira”. Os DJ sets pontuam os três dias, com Julia Barros e Melton Sello na sexta, Man from Rio e Mango no sábado, Facchinetti e TropiCals no domingo, costurando os intervalos entre os shows.

SERVIÇO

DOCE MARAVILHA 2026

Jockey Club Brasileiro (Av. Bartolomeu Mitre, 1110, Gávea) 7, 8 e 9/8

Ingressos: 7/8 - R\$ 336, R\$ 218,40 (solidário) e R\$ 168 (meia) | 8 e 9/8 - R\$ 441, R\$ 286,65 (solidário) e R\$ 220,50 (meia) | R\$ 515,97 (passaporte)

A escolha pelo recomeço

Simone celebra 50 anos de carreira com nova banda e repertório reciclado, evitando seus maiores sucessos no show 'Que Mulher é Essa?'

AFFONSO NUNES

Simone está completando 50 anos de carreira sem oferecer o que o público espera dela. No show "Que Mulher É Essa?!", que estreia nesta sexta-feira (7) no Vivo Rio, a cantora decidiu trilhar os caminhos da incerteza. É o primeiro passo de uma nova fase, com nova banda, repertório e direção musical e arranjos de Ana Frango Elétrico — uma das figuras mais instigantes da cena musical independente carioca.

O repertório escolhido evita o caminho óbvio dos grandes sucessos da Cigarra, que interpreta canções de Ana Frango Elétrico, Dona Onete, Erasmo Carlos, Marina Lima, Rita Lee, Chico Buarque, e Caetano Veloso, entre outros. Mas o foco é um

só: o feminino. "Eu quero falar de mulher! Queria falar de tudo que for possível falar da mulher: do que a gente passa, dos sofrimentos, das rupturas, dos sangramentos, das dores, dos amores... quero falar de tudo o que puder sair de dentro de mim, das mulheres que habitam esse meu corpo e a minha cabeça", avisa.

A banda é nova, enxuta e afiada: Chico Lira (piano), Giordano Bruno (no baixo, Vitor Cabral (bateria) e Filipe Coimbra (violão e guitarra). A direção artística e os figurinos ficam com Ronaldo Fraga e Mari Pitta assina iluminação e cenário.

No palco, Simone deseja calor, a troca, a proximidade com seu público, mesmo assumindo o risco. A mulher que diz não caber em rótulos sentiu o desejo de se reinventar. E que seja lindo.

SERVIÇO SIMONE - QUE MULHER É ESSA?

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) 7/8, às 21h Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)



Simone inicia neste show nova parceria artística com Ana Frango Elétrico

Raphael Tartari/Divulgação



Clara Sverner chega aos 90

Clara Sverner em concerto de aniversário na Cecília Meireles

Aos quase 90 anos — completa a idade no próximo dia 29 —, Clara Sverner não diminui o ritmo. Nesta sexta-feira (7), a pianista sobe ao palco da Sala Cecília Meireles para o recital de lançamento de "Scriabin: Preludes & Poems", álbum pela Azul Music que chega às plataformas digitais em 30 de outubro.

O projeto revela a imersão de Clara na obra do russo Alexander Scriabin (1872-1915), compositor que buscava na música uma transcendência para além do som, e cujos prelúdios condensam esse misticismo em miniaturas de intensidade febril.

O repertório traz seleção dos Prelúdios Op. 11 e Op. 13. O primeiro single circula desde 24 de julho: o Prelúdio nº 19 em Mi bemol maior, peça que Clara descreve como "uma página extraordinária" em que "Scriabin parece atravessar as fronteiras entre a beleza e a dor". Vêm aí singles em 28 de agosto e 2 de outubro.

Formada com José Kliass em São Paulo, aperfeiçoada no Conservatório de Genebra e no Mannes College de Nova Iorque, discípula do mestre alemão Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005), Clara soma mais de 29 títulos numa discografia com duas indicações ao Grammy Latino e o Prêmio TIM de Melhor Disco Clássico.

Em sua vasta discografia, a musicista Resgatou do esquecimento as obras de Glauco Velásquez e Chiquinha Gonzaga. Em parceria célebre com o saxofonista e maestro Paulo Moura (1932-2010), Clara aboliu fronteiras entre erudito e popular. "A cada reencontro com o Prelúdio nº 19, descubro novas cores, novos significados", diz ela, que aos 90 mantém viva a inquietação de sempre. (A. N.)

SERVIÇO

CLARA SVERNER

Sala Cecília Meireles (Rua da Lapa, 47) 7/8, às 19h. R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Violoncelos por toda a cidade

32ª edição do Rio Cello transforma jardins, igrejas e museus cariocas em palcos gratuitos

Trinta e dois anos depois de um encontro modesto de violoncelistas, o Rio Cello tornou-se uma das raras instituições culturais cariocas que cresceram sem perder o pé no chão da cidade. Desta vez, entre os dias 8 e 16, o festival ocupa jardins do Museu da República, a Igreja da Candelária, a Sala Cecília Meireles e a Casa Museu Eva Klabin, com pro-

gramação gratuita.

A edição marca a estreia do Cello Kids, vertente infantil com oficina e escolinha de música, e os 20 anos do Cello Dance, braço de dança que migrou dos teatros para praças e estações de metrô. Na abertura, dia 8, Chris Cecconelo dança ao som de Lui Coimbra em homenagem a Tom Jobim e Vinicius de Moraes. No encerramento, dia 16, Bettina Dalcanele, primeira bailarina do Theatro Municipal, interpreta "O Canto do Cisne Negro", de Villa-Lobos, ao lado de David Chew, inglês radicado no Brasil há mais de quatro décadas e idealizador do projeto.

Ao longo da semana, a programação vai do barroco ao tango,



David Chew é o idealizador do encontro

comprovando a versatilidade do instrumento na apresentação de Chew com Blas Rivera (saxofone e piano), David Chew (cello), Bernardo Fantini (viola) e Juliana Franco (soprano). Destaque para as improvisações do Trio in Uno dedicado e para a oficina Cello Tinta, que propõe a conexão entre música e artes visuais. A única apresentação paga do festival será a Violonsalada, mix de todos os artistas em um só concerto com preços populares (R\$

20 e R\$ 10, meia), na Sala Cecília Meireles. A Orquestra de Cordas de Volta Redonda, com cerca de 4 mil alunos, leva à Candelária, dia 12, o legado social que o festival carrega desde 1994. (A. N.)

SERVIÇO

32º FESTIVAL RIO CELLO

De 8 a 16/8 em vários locais. Consulte a programação completa em <https://11nq.com/sszo9nn>

Vitor Kelm/Divulgação

Djavan com fôlego de meio-campista

Em 2h30 de show e quase 30 sucessos do início ao fim, cantor encerra neste sábado a etapa carioca de sua grandiosa turnê de 50 anos de carreira

MARCELO PERILLIER

Quem acha que por ele estar beirando os 80 anos não faria um show longo, ledô engano. Em 2h30 de espetáculo, Djavan - que quase virou futebolista profissional na juventude - mostrou que tem fôlego para 3h30 tranquilamente. Um repertório de sucessos e até uma homenagem a Gal Costa, agitou a pista e as arquibancadas da Farmasi Arena no último fim de semana. E neste sábado (8) tem mais uma apresentação com ingressos esgotados.

Antes de começar, uma saudação “Voltei, Rio!”, mostrando felicidade por cantar na Cidade Maravilhosa. Abrindo a noite, duas músicas para dizer ao público que só teriam hits do início ao fim: “Sina” e “Eu te Devoro”. Na sequência, “Delírio dos Mortais”, onde improvisa, à capela, os versos iniciais: “Rio / Podem dizer o que quiser / Mas o xodó



Cantor não deixou a plateia ficar para um minuto sequer durante o show

do povo é o Rio / Casa do samba e do amor / Do Redentor / Louvado seja o Rio”. Na sequência, “Cigano”,

“Nem Mais Um Dia” e “Miragem” para levantar a plateia. “Outono” e “Um Brinde” vieram logo depois,

antecedendo um mini set acústico de voz e violão com “Meu Bem Quer” e “Oceano”.

Com a volta da afiada banda, uma sequência irresistível: “Lambada de Serpente”, “Mal de Mim”, “Azul” (que fez sucesso com Gal Costa, mas não foi a música dedicada a ela) e “Açaí”. Aí sim, em “O Vento”, ele fez a homenagem a sua “irmã”, que nos deixou cedo demais.

Chegando ao fim, e mais ou menos em duas horas de show, “Se, Me Leve”, “Pétala” e um pout-pourri com “Serrado”/ “Fato Consumado”/ “Flor de Lis”. Para encerrar, antes do bis, “Quase de Manhã”, “Seduzir”, “Samurai” e “Lilás”.

Ao longo do show Djavan estava de Blaser e calça social azul e aos poucos foi trocando o figurinho, ora vindo só de camisa azul, ora vindo de chapéu de malandro, ora de casaco... No bis, com “Um Amor Puro e Sina”, ostentou uma elegante jaqueta branca.

Para quem pensa que um músico por vezes precisa se reinventar para ficar sintonizado, Djavan mostrou o contrário; de que um bom artista é aquele que entende o seu público e sabe como deve se comportar no palco. Sem inventar, sem improvisar, foi, do início ao fim, o cantor que conquistou multidões e fãs ao longo de 50 anos de carreira, Djavaneando gerações pelo Brasil inteiro.

SERVIÇO
DJAVANEAR - 50 ANOS. SÓ SUCESSOS
Farmasi Arena (Av. Embaixador Abelardo Bueno, 3401 - Barra Olímpica) | 8/8, às 21h
Ingressos esgotados

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Encontros em dueto na Acaso até domingo

A Acaso Cultural realiza até domingo (9) o Acaso Duos. Na sexta (7), às 20h, Gilson Peranzetta e Marcel Powell (foto) unem piano e violão em repertório de Baden Powell e Tom Jobim. No sábado (8), às 20h, Cliff Korman e Carlos Malta celebram a obra de Paulo Moura no show “Saudade Do Paulo”. No domingo (9), às 18h, Leandro Braga e Hugo Pilger encerram com “Meninos Brincando Com Portinari”.



Divulgação

Celebrare em ritmo de discoteca

A Banda Celebrare apresenta nesta sexta-feira (7), às 22h, no Qualistage, show comemorativo pelos 30 anos de carreira. O espetáculo revisita as canções mais marcantes da trajetória do grupo, com repertório inspirado no universo das discotecas. A apresentação celebra três décadas de música, resgatando sucessos que consagraram a banda junto ao público ao longo de sua história.



Alê Ramos/Divulgação

Maria Alcina dá um alô para a Turma da Tijuca

Maria Alcina apresenta no Blue Note Rio neste sábado (8), às 20h, show em homenagem aos clássicos de Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Tim Maia e Jorge Benjor. “A Turma Da Tijuca” revisita sucessos como “Taj Mahal”, “W/Brasil”, “Não Quero Dinheiro”, “Descobridor Dos Sete Mares”, “Não Vou Ficar” e “Além do Horizonte”. O repertório gira em torno de um clássico de Alcina, “Fio Maravilha”.



Divulgação

Viagem pelo cancionero brasileiro

A soprano Camila Provenzale e o violonista Fabio Zanon apresentam o recital “Canções Brasileiras” nesta sexta (7), às 19h, no Espaço BNDES. O programa valoriza a formação de voz e violão no universo erudito brasileiro, destacando obras que evidenciam o violão como instrumento de igual protagonismo ao canto revelando a diversidade da música de câmara nacional. Grátis.



Douglas Dane/Divulgação

CRÍTICA LIVROS | LÁZAR

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Um toque de anacronismo

É paradoxal “Lázár” (Record, R\$ 74,90) o romance de estreia do jovem autor Nelio Biedermann, baseado na história de sua aristocrática família e os impactos sociais das reviravoltas políticas na Hungria ao longo do século XX. À parte o interesse nas características de personagens cujos destinos deveriam ser geneticamente traçados, a leitura surpreende pela escolha temática e o estilo narrativo levemente antiquado. Biedermann, hoje com 23 anos, conseguiu trazer frescor a um gênero de narrativa desprezado por escritores de sua faixa etária, mais centrada nas angústias existenciais de sua geração, inquieta entre paixões fugazes que não podem se solidificar em relações duradouras, por temor à perda da liberdade individual.

E é da falta de liberdade e da prisão de convenções que Biedermann aborda. Com segurança, ele retrata épocas e ambientes dos quais só ouviu falar. Não vivenciou os traumas dos que foram aos fronts de batalhas com exércitos de outros países, nem testemunhou o domínio dos soviéticos na administração da Hungria.



Divulgação

Em “Lázár”, seu romance de estreia, Nelio Biedermann destoa dos autores de sua geração tanto pela temática quanto por seu estilo narrativo

Quando nasceu, as propriedades da família – mansões e terrenos produtivos – já haviam sido requeridas para uso coletivo (uma das casas virou um hospital psiquiátrico). O enlevo juvenil de Biedermann ao abordar os primeiros amores dos personagens adolescentes é com-

pensado por uma delicada discrição ao descrever as entregas puramente sexuais, bem ao estilo da literatura do século XIX.

Esse exercício de recriação de uma forma literária abandonada começou quando Nelio Biedermann estava com dezesseis anos.

Aos vinte, o romance foi lançado. Inicialmente arrebatador, com sugestões da presença de entidades sobrenaturais que acompanham o cotidiano daquela família abastada, logo se desdobra em esclarecimentos realistas para os delírios de cada personagem, recolhidos a

uma existência privilegiada, protegidos das ebulições de uma sociedade em transformação acelerada. É naquele ambiente em que o tempo parou que o bebê Lajos impressiona a todos por sua pele “translúcida” e grandes olhos azuis. Ninguém desconfia que o menino, sem qualquer semelhança física com o pai, o poderoso Sándor Von Lázár, seja fruto do envolvimento da insatisfeita adúltera Mária com um cavaliário. Depois da morte acidental do amante, a baronesa tem surtos depressivos frequentes culminando com seu suicídio, uma resposta, talvez, ao isolamento imposto pelo marido, que prefere morar na cidade com a amante. No castelo, além de Mária e dos filhos, vive o irmão mais velho do barão, Imre, que perdeu o título nobiliárquico por sinais claros de demência ao deixar a adolescência.

As alucinações comuns a todos os parentes, por doença mental, fantasia infantil ou consumo de álcool, somam-se aos abalos sofridos pela família diante das transições do país – desde a queda do Império Austro-Húngaro, a ascensão do fascismo e a imposição do regime soviético. Despojados das propriedades, são obrigados a viver modestamente sob o socialismo. A saga familiar, fascinante, devido, talvez, à elegância anacrônica no desenvolvimento da trama, encaminha-se para um epílogo historicamente previsível, indicando o início de uma nova era para os aristocratas decaídos, embora o mundo não se torne socialmente igualitário.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

EDUCAR PARA INCLUIR

Lília Refle se inspirou em sua própria infância de pobreza extrema e um intenso desejo de estudar para criar a trajetória de Zulmira, menina de 10 anos, protagonista de “A Cor da Felicidade” (Pau- tuá, R\$ 60). Criada em meio a 17 irmãos na cidade baiana de Itamaraju, Lília defende a educação como forma de inclusão social, como dizia sua mãe, que, diante da carência de vagas em colégios de sua região, teve de permanecer na fila do portão da escola por duas noites para matricular a filha na alfabetização. O livro, quarto romance de Lília, será lançado neste sábado (8), às 17h, no Centro Cultural Recipiente Porongo (Rua Pinheiro Guimarães, 34, Botafogo).



Divulgação

PELAS REDES DE ÓDIO

A ironia, o deboche ou o perigoso discurso de ódio, que parecem dominar os comentários em postagens nas redes sociais, servem de matéria prima para 46 poemas da carioca Diana de Hollanda. Reunidos em “Você leu os Comentários?” (Teatro da Mente, R\$ 40) e inspirado em mensagens diretas, transcrições, tutoriais e outros materiais retirados da internet, os poemas propõem a investigação da linguagem digital contemporânea. Na poesia, Diana aponta a pouca atenção, o vício em dopamina, a espetacularização do cotidiano para obtenção do reconhecimento público, além da violência, poder e pertencimento que permeiam os discursos nas redes.



Divulgação

MEMÓRIAS AO SABOR DO RIO

O retorno de um homem à sua cidade natal, às margens do Rio São Francisco, é um resgate de suas lembranças do tempo em que ali morava, junto à família. Em “O Solo das Águas – Meio Século de Memórias” (Autografia, R\$ 79,90), Jean Mendonça, traça a viacrucis do personagem que, durante uma celebração da Semana Santa, aos 50 anos, precisa se entender com o passado, percebendo que sua vida foi pena em passagens semelhantes às do leito do Velho Chico, com seus períodos de cheias, secas, assoreamento e piracema. O lançamento com noite de autógrafos acontece nesta sexta-feira (7), a partir das 18h e 22h, no Bistrô e Livraria Autografia (Rua do Rosário 78, Centro).



Divulgação



GASTRONOMIA **NATASHA SOBRINHO**
(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



RUDÁ



RIO TAP BEER HOUSE

Um domingo especial

O Dia dos Pais é um convite para desacelerar e celebrar ao redor da mesa. Para a data, restaurantes da cidade prepararam menus especiais que vão de almoços completos a sugestões criadas exclusivamente para a ocasião, reunindo entradas, pratos principais e sobremesas em combinações pensadas para compartilhar. As opções são variadas e atendem a diferentes estilos e preferências, com propostas que incluem culinária japonesa, carnes, brunchs, feijoada com vista, cerveja artesanal e o melhor da cozinha brasileira. Algumas casas ainda oferecem mimos para a data, como taça de espumante de boas-vindas e pratos colecionáveis para celebrar a ocasião. Confira abaixo a lista que o Correio da Manhã preparou para você:

Restaurantes preparam menus especiais para o Dia dos Pais com receitas exclusivas, pratos para compartilhar e experiências pensadas para reunir a família

MIRANTE DA ROCINHA – A casa promove uma edição especial da feijoada (R\$ 80) com samba para celebrar o Dia dos Pais no domingo (9), das 12h às 18h. O programa reúne buffet de feijoada à

vontade, samba ao vivo e um drinque de boas-vindas, (caipirinha ou soft drink) para cada cliente. A experiência ganha um atrativo extra com a vista panorâmica da cidade, um dos cartões-postais mais sur-

preendentes da Rocinha, ideal para um almoço em família com clima descontraído. Estrada da Gávea, 222. Tel: (21) 96906-8457.

PÁREO - Para celebrar o Dia dos Pais, o chef Marcones Deus oferece como entrada o Carpaccio de Carne de Sol, servido com vinagrete à campanha, picles de maxixe, abóbora assada e queijo coalho (R\$69). Como prato principal, o grande destaque é o Prato da Boa Lembrança – Eh Boi 2: rabadã prensada ao teriyaki de ameixa, acompanhada de mil-folhas de batata e farofa crocante de shiitake (R\$149). Quem pedir a sugestão levará o prato de cerâmica com desenho do artista plástico Smael Wagner. Para encerrar a experiência, Profiteroles com calda de caramelo, chocolate e flor de sal (R\$ 44). Rua Mário Ribeiro, 410 / Jockey Club Brasileiro. Tel: (21) 99843-8813.

PATO COM LARANJA - Para celebrar o Dia dos Pais, a casa preparou um menu especial criado pela chef Andréa Tinoco, disponível durante todo o fim de semana, de 7 a 9



SIGNATURES



PEIXOTO SUSHI



Divulgação

MIRANTE DA ROCINHA



Dhani Borges/Divulgação

SKYLAB

de agosto, nas unidades do Leblon e da Barra da Tijuca. A experiência começa com o Bobó Frito com camarão fresco (2 unidades | R\$ 48), seguida pela milanesa de Vitella com aligot trufado (R\$ 130), com a opção de adicionar trufas frescas (+R\$ 120). Para encerrar, a chef aposta em uma sobremesa que revisita sabores afetivos: Milho em três texturas, com crème brûlée de curau e gelato de pipoca (R\$ 41). O menu especial será servido do almoço ao jantar, das 12h à meia-noite. Rua Dias Ferreira, 410 - Leblon. @patocomlaranja.

PEIXOTO SUSHI - Para celebrar o Dia dos Pais, o restaurante preparou uma programação gastronômica especial. Com menus elaborados, cortes nobres e cortesias exclusivas para reservas e pedidos antecipados, o restaurante apresenta uma seleção que promete surpreender pelo frescor e sofisticação durante todo o mês de agosto. destaque principal para o Combinado Celebração (R\$ 400 – 48 peças) com 20 unidades de Usuzukuri Salmão, 3 Sashimis Shake Toro, 3 Sashimis Atum na crosta de gergelim, 3 Sashimis

Peixe Branco, 3 Sashimis Vieira, 2 Sushis Atum, 2 Sushis Shake Toro, 2 Sushis Vieira, 2 Gunkans Codorna, 2 Gunkans cream cheese com shimeji e 4 Uramakis Philadelphia Especial. Rua Dezenove de Fevereiro, 49 – Botafogo. Tel: (21) 99839-3895.

RIO TAP BEER HOUSE - Premiado por sua carta de cervejas no Flamengo, o bar vai oferecer aos pais que forem a casa acompanhados de seus filhos no Dia dos Pais (9/8), um chopp Pilsen (half) de cortesia para brindar o momento em família. Para acompanhar, o cardápio traz opções de aperitivos e comidinhas pensados para harmonizar com a gama de estilos de cervejas, destaque para o Tap Búrguer 4.0 (R\$ 58,90), um blend da casa no pão brioche, com cebola crispy, bacon crocante, queijo e aioli acompanhado de batata frita. Travessa dos Tamoios, 32 Loja C – Flamengo. Telefone: (21) 3258-4168.

RUDÄ - O menu do restaurante brasileiro, em Ipanema, para o Dia dos Pais terá de prato principal Bife de chorizo grelhado massa na manteiga de sálvia e molho ferrugem (R\$ 129). E para a sobremesa Pudim com chantilly de caramelo e paçoca artesanal (R\$ 36). Rua Garcia d'Ávila, 118 – Ipanema. WhatsApp: (21) 98385-7051.

SIGNATURES BY LE CORDON BLEU - No domingo, 9 de agosto, a partir das 12h, a casa apresenta um menu exclusivo elaborado com técnicas da alta gastronomia francesa e ingredientes selecionados. A experiência começa com um amuse-bouche de capuccino de cogumelos, nibs de cacau e espuma de leite, seguido pela entrada de ravioli de baroa e cebola caramelizada ao molho de queijos artesanais. Como

prato principal, Filé Wellington, servido com mil-folhas de batatas e molho Périgueux, preparado com trufas. Para finalizar, a sobremesa Sinfonia de Caramelo e Chocolate reúne torta de praliné, ganache de chocolate ao leite e caramelo com flor de sal. O menu custa R\$ 290 por pessoa, ou R\$ 400 por pessoa com harmonização de vinhos. Rua da Passagem, 179, Botafogo. Tel: (21) 97236-3218.

SKYLAB - O restaurante, localizado no icônico Othon Palace Copacabana Rio - Av. Atlântica, 3264 – Copacabana. Reservas/WhatsApp: (21) 97668-32

ch Especial (R\$ 190) para celebrar o Dia dos Pais no domingo, 9 de agosto, das 12h30 às 16h, reunindo gastronomia refinada e um cenário deslumbrante. O menu, assinado pelo chef Rubens Gonçalo, contempla um buffet completo com variadas opções de entradas, pratos principais e sobremesas. Todos vão ganhar uma taça de espumante como boas-vindas, um brinde especial para abrir a celebração. Endereço: Othon Palace Copacabana Rio - Av. Atlântica, 3264 – Copacabana. Reservas/WhatsApp: (21) 97668-32



Divulgação

PÁREO

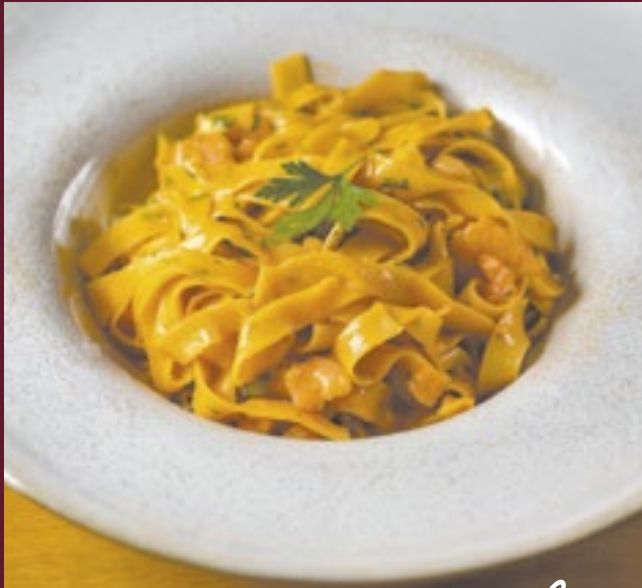


Foto Bling Comunicação

PATO COM LARANJA

bistrô sesc FLAMENGO

Em um casarão de 1912, no coração do Flamengo, história, arquitetura, arte e gastronomia brasileira dividem a mesma mesa. Sob a assinatura da chef Teresa Corção, cada prato transforma uma refeição em um destino para todos os sentidos.



Chef Teresa Corção



Saiba mais:



 **BISTRÔ SESC FLAMENGO**
R. Marquês de Abrantes, 99 - Flamengo/RJ

 Segunda e terça, das 12h às 19h.
Quarta a sábado, das 12h às 21h.



A maior marca de bem-estar social do RJ.